



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

CÍRIO DE NAZARÉ: TEMPOS E ESPAÇOS DA FESTA EM UMA METRÓPOLE DA AMAZÔNIA

“CÍRIO DE NAZARÉ”: TIMES AND SPACES OF THE RELIGIOUS FEAST IN AN AMAZONIAN METROPOLIS

CÍRIO DE NAZARÉ: TEMPS ET ESPACES DE FÊTE DANS UN MÉTROPOLE AMAZONIEN

(Recebido em 14-08-2020; Aceito em: 15-12-2020)

Ana Fani Alessandri Carlos

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo
Professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo - São Paulo, Brasil
anafanic@usp.br

Maria Goretti da Costa Tavares

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará – Belém, Brasil
mariagg29@gmail.com

Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo
Professor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará – Belém, Brasil
stclair@ufpa.br

Resumo

A discussão aqui proposta leva em conta o movimento do tempo cíclico que se reproduz a cada ano em Belém-Pará, na Amazônia brasileira, notadamente no mês de outubro, quando ocorre as principais expressões de devoção à Nossa Senhora de Nazaré. Na análise, é considerada a possibilidade de uma leitura socioespacial dessa manifestação cultural, responsável por reinventar a tradição a partir da centralidade da festa religiosa em seus diversos eventos. Estes, por sua vez, criam e recriam espaços de vida e de reprodução econômica e, dessa forma, inserem-se plenamente na dinâmica metropolitana contemporânea, redefinindo-a, mesmo que de forma parcial.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; Tempo; Espaço; Festa Religiosa; Turismo; Belém-Pará.

Abstract

The discussion proposed here takes into account the cyclical time movement that is reproduced each year in Belém-Pará, in the Brazilian Amazon, notably in the month of October, when the main expressions of devotion to Nossa Senhora de Nazaré occurs. In the analysis it is considered the possibility of a socio-spatial reading of this cultural manifestation, responsible for reinventing tradition from the centrality of the religious feast in its various events. These, in turn, create and recreate spaces for living and economic reproduction and, in this way, are fully inserted in the contemporary metropolitan dynamics, redefining it, even if partially.

Keywords: Círio de Nazaré; Time; Space; Religious Feast; Tourism; Belém-Pará.

Résumé

La discussion proposée ici prend en compte le mouvement du temps cyclique qui se reproduit chaque année à Belém-Pará, en Amazonie brésilienne, notamment en octobre, lorsque se manifestent les principales expressions de dévotion à Nossa Senhora de Nazaré. Dans l'analyse est envisagée la possibilité d'une lecture socio-spatiale de cette manifestation culturelle, chargée de réinventer la tradition à partir de la centralité de la fête religieuse dans ses différents événements. Celles-ci, à leur tour, créent et recréent des espaces de vie économique et de reproduction et s'intègrent ainsi pleinement dans la dynamique métropolitaine contemporaine, en le redéfinissant, même partiellement.

Mots-clés: Círio de Nazaré; Le temps; Espace Fête religieuse; Le tourisme; Belém-Para.

Introdução

Na Belém de outubro, e especialmente no segundo domingo desse mês, quando acontece a grande romaria do Círio¹ de Nazaré, o ritmo e a vida metropolitana parecem fazer uma pausa. Isso ocorre não pela desaceleração da reprodução econômica que nela se faz presente, mas por abrir espaços e tempos de reencontros e de festa, reafirmando e reinventando uma tradição que se iniciou ainda no século XVIII (MOREIRA, 1989).

Mais que uma religiosidade atribuída somente à fé católica², essa Festa não se restringe apenas ao segundo domingo de outubro, quando acontece a procissão principal; daí a ideia de “complexo ritual” sugerida por Alves (2005) em relação a ela. Se levarmos em conta o conjunto de homenagens à imagem, várias manifestações associam-se ao evento principal. Começa ainda em maio, com a apresentação do cartaz do Círio, momento em que se inicia a divulgação oficial do evento por meio de arte gráfica com a imagem da santa impressa em cartaz, distribuído dentro e fora do país.

¹ O nome Círio deve-se à presença na romaria principal por muito tempo de uma grande vela ou círio que abria a procissão e que era muito comum em outras procissões católicas vespertinas/noturnas. No caso do Círio de Nazaré, a romaria inicialmente ocorria à tarde, e, algumas vezes, à noite, mas, com o tempo, passou a ocorrer de manhã, dada a frequência das chuvas vespertinas em Belém (ROCQUE, 1981).

² A Festa de Nazaré é uma realização da Arquidiocese de Belém, juntamente com a Basílica Santuário de Nazaré, a Diretoria da Festa de Nazaré, o Governo do Estado do Pará e a Prefeitura de Belém.

Seguem-se peregrinações diversas de imagens de Nossa Senhora de Nazaré³ em outras cidades dentro e fora do Pará, e, no mês anterior ao Círio, nas casas das famílias paraenses. Culmina com as homenagens principais no início de outubro, quando então é inaugurada a quadra nazarena, que dura quinze dias, correspondente ao período de maior manifestação de devoção à santa, desde o momento da grande procissão; e finaliza com a procissão do Recírio, momento em que a chamada imagem peregrina⁴ é recolhida ao colégio Gentil Bittencourt, no bairro de Nazaré em Belém, de lá saindo novamente apenas para a festividade do ano seguinte.

Independentemente, portanto, do período da quadra nazarena, os tempos e os espaços relacionados a esse acontecimento estão presentes praticamente o ano todo, seja pela força simbólica que essa expressão religioso-cultural projeta na cidade e na metrópole de Belém⁵, seja pela realização de outros círios menores no interior do Pará.

É nesse sentido que se pode falar de tempos e de espaços do Círio e da Festa de Nazaré. A cidade tem ritmos definidos e alterados em razão tanto de sua expressão religiosa, como de natureza econômica, uma vez que o elemento cultural, nesse caso, também é convertido em mercadoria, tornado um importante atrativo turístico. Tais expressões culturais e econômicas são capazes de produzir espacialidades para si, ou mesmo de se apropriar de espaços outros, (re)definindo neles usos, funções e paisagens ao projetar representações simbólico-culturais e mercantis em determinados recortes de tempo. É diante dessa possibilidade de leitura socioespacial da Festa nazarena e da devoção mariana em Belém que aqui o tema será tratado e problematizado.

Escrito em coautoria, a sistematização do artigo foi apoiada em revisão bibliográfica e documental, em observações *in loco* da Festa e, principalmente, nas vivências dos seus autores em relação a ela. Por isso, traz implícitas as experiências dos três autores e suas respectivas percepções

³ O início da tradição assemelha-se a outras devoções de mesma natureza. Segundo relatos dessa história presente em registros bibliográficos diversos, como em Rocque (1981) e Moreira (1989), bem como na tradição da narrativa oral popular, uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré, santa que já era cultuada na vila de pescadores de mesmo nome em Portugal, foi encontrada por um caboclo de nome Plácido nos arredores de onde está erguida a atual Basílica de Nazaré. Nesse local, na época, existia um igarapé, às margens do qual a imagem foi achada e que para lá retornava sempre que o caboclo a levava para a sua casa; razão pela qual este ergueu uma ermida para abrigá-la, dando lugar, posteriormente, à atual Basílica-Santuário. O retorno acontecia também quando o governador da capitania da época resolveu abrigá-la no Palácio da cidade, e, mesmo sob a guarda do Palácio, a imagem desaparecia para ser encontrada no local da primeira ermida.

⁴ Duas imagens ganham centralidade na Festa. A primeira é a que foi achada, que, devido ao seu valor artístico e simbólico, fica permanentemente em seu nicho, "o glória", no altar central da Basílica de Nazaré. Essa imagem desce desse nicho somente por ocasião da quadra nazarena, sendo exposta em um pedestal protegida por uma redoma de vidro, e sob a proteção dos chamados "guardas de Nazaré" (grupos de homens voluntários responsáveis por proteger a santa na igreja e durante as procissões). A outra é a "imagem peregrina", a que sai às ruas e por outras cidades em romarias e peregrinações e que fica sob a guarda da ordem religiosa Irmãs Filhas de Sant'Ana, no colégio Gentil Bittencourt, no bairro de Nazaré, em Belém.

⁵ A atual Região Metropolitana de Belém, ou Grande Belém, é formada pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará e Castanhal.

sobre o evento. O primeiro item do texto situa a Festa e o seu tempo de acontecimento, mas também traz o olhar de quem nasceu e sempre viveu em Belém, sendo, por isso, um olhar predominante interno. O segundo item aborda a Festa a partir de suas espacialidades e na sua condição de fenômeno que preenche de conteúdo o espaço público na cidade, evidenciando a perspectiva de quem não nasceu em Belém, mas que passou a viver nessa cidade desde a mais tenra idade e a acompanhar a Festa ainda quando habitava o interior da Amazônia, comparecendo anualmente ao evento; trata-se, então, de um olhar externo que, aos poucos, se internaliza. O terceiro item aborda a Festa como múltipla manifestação da vida cotidiana na sua relação espaço-tempo na metrópole. Revela, nessa abordagem, o olhar de alguém que pela primeira vez visita à cidade, vivenciando e interagindo, sob a forma de observação direta, cada momento que constitui o grande evento de outubro, sendo, portanto, um ponto de vista predominante externo sobre esse mesmo evento religioso. No texto, os três olhares recompõem a Festa sob cada uma das perspectivas mencionadas e buscam se complementar, problematizando-a sob diferentes ângulos.

Na sistematização, considera-se inicialmente a história, o perfil e a força dessa tradição religiosa-cultural, que chega a reunir, no dia principal do festejo, cerca de dois milhões de pessoas nas ruas da cidade. Em seguida, é apresentada a possibilidade de uma leitura socioespacial da Festa e de seus desdobramentos, tomando como referência a produção e as formas de apropriação do espaço público da cidade. Ao final, mostram-se os elementos que compõem a Festa como partes da vida cotidiana e do movimento geral do tempo-espaço que ganha sentido na vida de uma metrópole amazônica.

Busca-se, com isso, instigar reflexões que levem em conta o movimento do tempo cíclico que se reproduz a cada ano em Belém. Tratando-se de um fenômeno de natureza temporal e socioespacial, ele é responsável por reinventar a tradição a partir da centralidade da festa religiosa, impondo-se ao tempo linear, definidor da urbanização. Nessa dialética – tempo cíclico/tempo linear –, criam-se e recriam-se espaços de vida e de reprodução econômica, inserindo-os plenamente na vida metropolitana contemporânea, e, assim, redefinindo-a, mesmo que parcialmente.

Devoção, tradição e atratividade turística

A devoção à Nossa Senhora de Nazaré se inicia em Portugal, espalhando-se pelas colônias portuguesas. Segundo Coelho (1998), o culto à santa foi, desde o século XVII em Portugal, uma das mais importantes manifestações da devoção mariana no reino lusitano. Em Belém, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que o inscreveu como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial Brasileiro (CÍRIO DE NAZARÉ, 2019), a tradição se iniciou no ano de 1700, quando Plácido

José dos Santos, o caboclo que encontrou a imagem da santa, construiu uma ermida no local do achado, às margens do Igarapé Murutucu, próximo da atual Basílica de Nazaré (IPHAN, 2006), no bairro que recebe o mesmo nome da santa.

O primeiro Círio ocorreu em 1793, convocado por Francisco Coutinho, governador da Província do Pará, que, para pagamento de uma promessa, promoveu a romaria com uma feira de produtos regionais (IPHAN, 2006). Portanto, conforme destacam Serra e Tavares (2015), o evento sempre esteve ligado a motivações religiosas, políticas e econômicas, revelando intenções da Igreja e do Estado em controlarem a devoção popular.

Nos dias atuais, a presença do Estado é vista pelo papel do governo estadual e do municipal na organização da Festa, juntamente com a sua diretoria ligada à Igreja, representada pelo grupo responsável em coordenar o conjunto de atividades mais associadas aos aspectos sagrados do evento. Pantoja (2006) chama a atenção, entretanto, para a tentativa da Igreja de exercer o controle também sobre as festas profanas que integram hoje o mesmo evento. Considerando o caráter popular da manifestação, é importante destacar que nem sempre os fiéis se subordinam ao poder estabelecido pela Igreja e, dessa forma, tal instituição e os demais agentes passam a considerá-los no planejamento e na organização do evento (SERRA, 2014).

Os principais acontecimentos da Festa incluem: a procissão principal (ver figuras 1 e 2), o Círio (sempre no segundo domingo de outubro); a Trasladação (procissão noturna no dia anterior ao Círio e com percurso inverso a este); o Recírio (procissão final do evento, realizada em uma segunda-feira, duas semanas após o Círio); as romarias da juventude e das crianças (durante a quadra nazarena, no entorno da Praça Santuário); e a procissão da Festa (também no entorno da Praça Santuário, na manhã de domingo, um dia antes do Recírio).

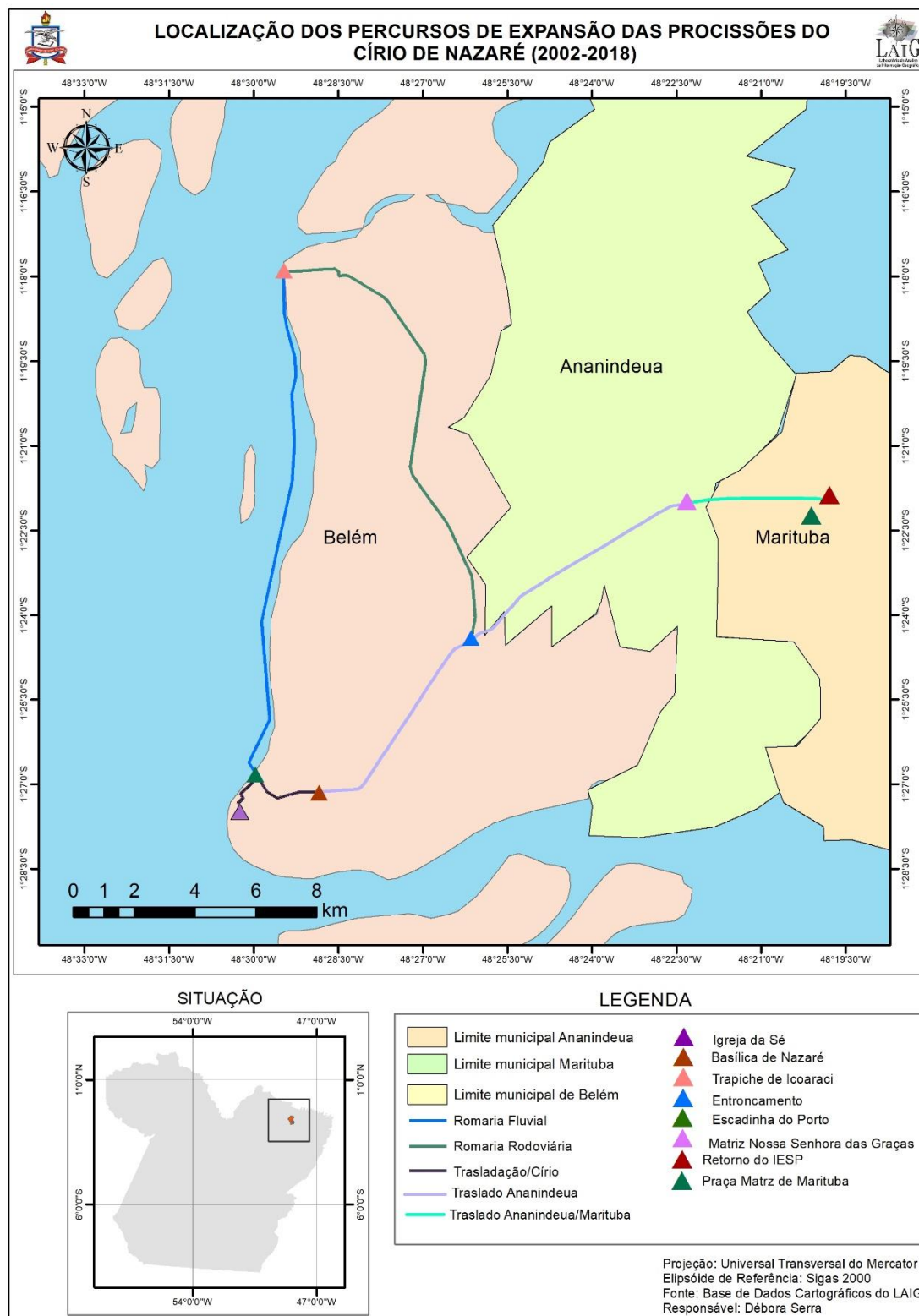
Figura 1: Procissão do Círio em Belém do Pará em frente à Doca do Ver-o-Peso



Fonte: Simone Simonetti (2015)

Nos dias imediatos que antecedem o Círio, acontecem outras procissões. Na sexta-feira pela manhã, tem-se a procissão rodoviária, de carros e de bicicletas, que leva a imagem peregrina da Basílica para os municípios de Marituba e Ananindeua (ver Figura 02). No sábado de manhã, ocorre a romaria fluvial, que navega com a mesma imagem pela Baía do Guajará, do Distrito de Icoaraci, na periferia de Belém, até o local chamado de Escadinha, no Porto de Belém, no núcleo central da cidade. Ao final desta, os motoqueiros iniciam uma outra procissão, a Moto Romaria, para levar a santa da Escadinha até o colégio Gentil Bitencourt, no bairro de Nazaré, de onde, na parte da noite, ocorre a trasladação da imagem daquele colégio até a Catedral da Sé, no Centro Histórico de Belém, e de onde, na manhã seguinte, no domingo, sai a grande procissão.

Figura 2: Localização dos Percursos de Expansão das Procissões do Círio de Nazaré (2002-2018)



Fonte: SERRA (2019)

É importante observar que, durante esses três dias, ocorrem também atividades que retratam o lado profano da Festa no Centro Histórico de Belém, especialmente nos bairros da Cidade Velha e da Campina, a exemplo do Auto do Círio, que constitui uma representação teatral pelas ruas da Cidade Velha, na sexta-feira imediata que antecede o Círio, atividade essa promovida pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará; do Arrastão do Pavulagem, um cortejo folclórico sob o comando do Instituto Boi Pavulagem, que se inicia no sábado, no final da manhã, ao término da procissão fluvial, na chegada da imagem da santa à Escadinha do Porto de Belém; e a Festa da Chiquita, manifestação profana tradicionalmente organizada por grupos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), nos arredores do Bar do Parque e Teatro da Paz, na Praça da República, que ocorre na noite de sábado após a passagem da Trasladação por esse local.

Outros eventos se juntam a esses rituais. Dentre eles, tem-se a Missa do Mandato, ainda no mês de agosto; solenidade que dá início às peregrinações de réplicas da santa pelas residências de Belém, quando várias imagens são abençoadas para que, no mês seguinte, em setembro, iniciem as novenas nas casas dos fiéis, preparando-os espiritualmente para a Festa. Outros momentos importantes complementam o conjunto da Festa, como a apresentação do cartaz do Círio, já mencionado anteriormente; assim como a descida e a subida da imagem original ao “glória”, marcando o início e o final da quadra nazarena, respectivamente; e a Corrida do Círio, atividade desportiva voltada para os que praticam essa modalidade de atletismo.

Além desses eventos, destacam-se alguns elementos simbólicos do festejo, a saber: as duas imagens da santa, a original, que foi achada por Plácido, e que sempre permanece na Basílica, e a peregrina, que sai às ruas e viaja por outras cidades; a berlinda, andor que transporta a imagem da santa nas principais procissões; a corda, elemento simbólico de proteção da imagem da santa, que, segundo narra a tradição oral, foi incorporada aos cortejos principais, o Círio e a Trasladação, quando o carro da berlinda ficou atolado no percurso da romaria principal, tendo sido necessário atrelá-lo a uma corda a fim de que pudesse ser puxado para dar continuidade ao cortejo. Desde então, acompanhar o Círio segurando a extensa corda que puxa a berlinda passou a ser uma forma de penitência que serve para cumprir as promessas feitas à santa em troca de algum milagre ou graça alcançados.

O tempo do Círio também dá espaço para a montagem do Arraial de Nazaré, uma mistura de quermesse e de parque de diversão que integra o lado profano da Festa. Até a década de 1980, por ocasião da festividade, era armado na frente da Basílica (ver figura 03), em plena Praça Justo Chermont, remodelada e convertida hoje em Conjunto Arquitetônico de Nazaré (CAN) ou Praça

Santuário. Constitui-se de um parque de diversões com atrativos diversos, inclusive de natureza musical e gastronômica, que passou a se inserir na tradição como uma das manifestações imprescindíveis da Festa. Com a requalificação da Praça, a partir daquela década, o arraial e seus diversos atrativos foram transferidos para um grande terreno ao lado, pertencente à Igreja, e que, fora da quadra nazarena, transforma-se em um estacionamento pago.

Figura 3: Círio em frente à Basílica de Nazaré



Fonte: Simone Simonetti (2015)

Por fim, mas não menos importante, tem-se, ainda: o almoço do Círio, celebração familiar com comidas típicas, que acontece logo após a romaria principal nas residências das famílias paraenses; os arcos ou pórticos, que ornamentam com motivos religiosos a avenida principal no entorno da Basílica; os carros do Círio, alegoricamente enfeitados com elementos que remetem ao ato religioso e

transportam crianças vestidas de anjos e votos de promessas entregues pelos fiéis durante a procissão; além dos brinquedos de miriti⁶, elementos artesanais feitos de material de palmeira da região vendidos nas ruas de Belém pendurados em girândolas ou em estandes montados para esse fim em praças da cidade por ocasião principalmente da época do Círio.

Esse conjunto de elementos e acontecimentos dá à cidade não apenas vida cultural como também econômica durante o período da Festa. Segundo observa Costa et al. (s/d), a dinamização econômica decorrente do Círio deve-se principalmente ao aumento do número de visitantes em Belém, provenientes tanto do Pará como de outros estados e países. Seus gastos movimentam direta e indiretamente diversos setores, tais como o comércio de lembranças e outras compras similares; alimentação em bares, restaurantes e residências; serviços de transportes e de hospedagem.

Há estatísticas do Governo do Pará que sugerem mais oitenta mil visitantes na época do Círio, com gastos presumidos de trinta milhões de dólares (SETUR, 2015)⁷. O número de visitantes tende a aumentar a cada ano, e, com o reconhecimento da Festa em 2013 como patrimônio cultural da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), essa tendência só se reforça cada vez mais.

Ainda sobre as estimativas crescentes do número de turistas paraenses ou de outros estados, entende-se que elas importam, sobretudo, a agentes da Igreja, do poder público e a empresários ligados direta ou indiretamente à atividade turística. Tais agentes se relacionam entre si tendo como objetivo comum a continuidade da manifestação, visto que ela atende a interesses religiosos, políticos e econômicos.

⁶ Feitos a partir da palmeira do miriti ou buriti, a fibra que se torna matéria-prima dos brinquedos é leve e lembra a textura de isopor. Tradição secular, os brinquedos de miriti são confeccionados principalmente por artesãos do Município de Abaetetuba que aproveitam, para a concepção artística dos brinquedos, os miolos dos “braços do miriti”. Estes são descascados para, em seguida, serem esculpidos em formas de bonecos de pessoas (em cenas e atividades cotidianas de trabalho e lúdicas), animais (pássaros, cobras, jacarés, insetos etc.), meios de transportes (canoas, barcos, aviões) e até mesmo eletrodomésticos (rádios, televisões etc.), ganhando a cidade durante a quadra nazarena e sendo expostos em praças públicas, em feiras de exposição ou, no que é mais comum, em girândolas, transportadas por vendedores ambulantes pelas ruas de Belém, dando a elas um colorido todo especial de festa e de dimensão lúdica.

⁷ Pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE *apud* SETUR, 2015) mostrou que o Maranhão (15,7%), Ceará (13,6%), Rio de Janeiro (11,6%), Amazonas (9,4%) e Bahia (7,1%) são os principais Estados emissores de turistas para a capital paraense por ocasião do Círio e que: a faixa etária principal dos visitantes situa-se entre 35 a 50 anos (31,1%); o avião (58,3%) é o meio de transporte mais mobilizado; o local de hospedagem preferencial é a casa de parentes (33,2%) e os hotéis (32,2%); e a permanência do visitante, em média, é de 7,38 dias em Belém.

A religiosidade, a festa e a projeção do espaço público

Diversas têm sido as leituras dessa importante Festa religiosa amazônica⁸, transformada no ano de 2013 em patrimônio cultural da humanidade. No nosso caso, admite-se nessa manifestação cultural a existência imbricada de uma morfologia social – definida pelas relações “sagrado” e “profano” inerentes a essa Festa – e de uma morfologia prático-sensível (LEFÈBVRE, 1991), que resulta da grafia nos lugares de diversas expressões de natureza religioso-cultural e econômica associada ao acontecimento.

Ainda que a cena pública seja a que mais fortemente retrata a manifestação religiosa do Círio, são vários os espaços que não possuem o atributo de espaço público, mas que nele se inserem direta e indiretamente, e que, igualmente, são importantes para a manifestação da fé ligada a essa Festa, a começar pela Basílica de Nazaré, pela Catedral da Sé e pelo Colégio Gentil Bittencourt, que formam uma verdadeira tríade espacial da manifestação do sagrado em Belém. É com apoio nesses espaços que ocorrem as principais romarias, conforme já foi explicado.

Para além deles, tem-se o espaço destinado ao Arraial de Nazaré, que, fora dos festejos, converte-se em grande estacionamento da Igreja. Integrante desse complexo, tem-se a Casa de Plácido e anexos, espaços permanentes pensados para acolher devotos e romeiros e os objetos de suas promessas, assim como para outras reuniões religiosas e para aquelas preparatórias relacionadas à Festa.

Espaços importantes também, nesse sentido, são as demais paróquias católicas e as residências das famílias paraenses. Estas recebem a imagem da santa no período que antecede o grande evento, com vistas ao preparativo espiritual para o Círio, e que o celebram no almoço no segundo domingo de outubro. No caso das igrejas dos bairros e municípios da Região Metropolitana de Belém, elas se constituem em pequenos epicentros pulverizados da devoção mariana e de onde muitas vezes difunde-se o culto à santa. Também são lugares de onde chegam ou partem procissões que dão sentido à grandiosidade do acontecimento nos diversos bairros de Belém e municípios vizinhos.

De qualquer forma, uma das dimensões mais expressivas da Festa tem a ver com a cena pública da manifestação sagrado-profana, e que caracteriza, igualmente, a produção e a apropriação do espaço público. Este é, ao mesmo tempo, produto, condição e meio para essa expressão de fé católica que marca a dinâmica cultural e econômica da metrópole cultural da Amazônia, mormente no mês de outubro.

⁸ A título de exemplo, pode-se mencionar trabalhos como de Alves (1980, 2005), Rocque (1981), Moreira (1989), Coelho (1998), Alves (2002), Pantoja (2004, 2006), Figueiredo (2005), Azevedo (2008), Maués (2009), Matos (2010), Silva Filho (2012), Serra (2013, 2014), Serra e Tavares (2015), Costa *et al.* (s/d).

Como atributos do espaço público, consideramos, apoiados em Gomes (2002): a) o fato de que possa ser uma condição da cena e da vida pública, trazendo embutida a ideia de “extimidade” em contraponto a de “intimidade” (LÉVY, 1999 *apud* GOMES, 2002); b) o vínculo jurídico, que não apenas define um uso comum do espaço, mas que o afirma com base em um código de civilidade pautado no diálogo e na relação contratual entre diferentes; e c) a possibilidade da copresença/coabitação associada à ideia de pluralidade e de convivência de diferentes grupos.

Nessa direção, cabe reconhecer duas formas de espaços públicos socialmente produzidos pelo fenômeno religioso-cultural da Festa de Nazaré, em Belém: os espaços públicos permanentes e os espaços públicos transitórios. Dentre os permanentes, temos o CAN, situado em frente da basílica-santuário. Por muito tempo chamada de Praça Justo Chermont, onde inclusive até a década de 1980 era montado o tradicional Arraial de Nazaré, aos poucos tornou-se um espaço com forte dimensão do sagrado, tacitamente aceito, mas sem perder seu uso público. Nele, projeta-se a simbologia do sagrado e as celebrações católicas são permitidas, tornando-o parte de um universo cultural que não se reduz necessariamente a uma religiosidade exclusiva.

O reconhecimento da antiga praça como simplesmente CAN faz parte, portanto, de uma relação contratual de convivência com o diferente, não obstante a presença de um gradeado, instalado aquando de sua requalificação para aquele fim, que permite acesso apenas pelos principais portões que compõem a nova concepção urbanística do que fora a antiga Praça Justo Chermont.

Nela, hoje, estão presentes elementos que remetem às novas representações desse novo espaço público, readequado para atender às manifestações de devoção a Nossa Senhora de Nazaré, e onde se pode destacar: a) o altar-santuário, no qual, por quinze dias após o Círio, fica exposta a imagem peregrina da santa; b) a concha acústica, onde acontecem manifestações artísticas, notadamente de natureza sacra, a exemplo do Círio Musical, durante a “quadra nazarena”; e c) os monumentos com símbolos representativos do cristianismo e da imagem de Nazaré, desenhados e esculpidos a partir de material em concreto.

À primeira vista poder-se-ia imaginar uma negação do espaço público em relação a essa Praça, mas a possibilidade de convivência e de respeito à diferença que o apelo à devoção proporciona, cadenciada por outros ritmos e tempos que definem a tradição, o pertencimento, a identidade e as sociabilidades dela decorrentes, alçam esse espaço a uma contratualidade que parece

ultrapassar elementos religiosos; contratualidade essa que também se manifesta em outros momentos dos festejos⁹.

Igualmente importantes como espaços públicos inseridos permanentemente na morfologia social do Círio e de seus desdobramentos religiosos estão o bairro de Nazaré e a Avenida de mesma toponímia. O nome do bairro, onde, além da Basílica, está presente a Casa de Plácido e anexos, o Colégio Gentil Bittencourt, o CAN, o espaço do arraial, o Colégio Nazaré, a paróquia de Nazaré etc., é, na dimensão do espaço de representações (LEFÈBVRE, 1974), uma forte referência a uma identidade que também ultrapassa as práticas socioespaciais religiosas e que tem outros alcances relacionados à vida cotidiana de uma cidade e de uma metrópole em que a tradição parece se colocar além de diferenças que poderiam, em um primeiro momento, sugerir possibilidades de conflitos.

A força dessa projeção do sagrado sobre o espaço público também está presente na denominação da Avenida Nazaré. Trata-se de uma das mais importantes avenidas de Belém e a mais representativa das vias relacionadas à festividade, dada a quantidade de romarias/procissões que nela acontecem. Mas essa mesma avenida não tem sua importância relacionada apenas aos momentos dessas procissões. Do ponto de vista também das representações, ela configura espacialidades que se associam ao sagrado; comprovação disso é a presença dos Arcos de Nazaré, que delimitam simbolicamente dois quarteirões da avenida que remetem ao espaço do sagrado.

Os arcos configuram espécies de portais que, artisticamente, trazem motivos religiosos e que inicialmente eram armados apenas às proximidades da quadra nazarena, para serem desinstalados ao final dos festejos. Com o tempo, a importância deles tornou-os permanentes e hoje compõem a cena urbana como verdadeiros mobiliários urbanísticos com forte apelo ao sagrado, mas, igualmente, de valor artístico-cultural para muitos que reconhecem essa avenida como parte da identidade do povo belenense.

Para além dos espaços públicos permanentes, através dos tempos proliferaram-se os espaços públicos transitórios, que, mesmo não se caracterizando pela permanência de atividades e eventos relacionados à Festa, ganham notoriedade e importância durante o mês de outubro. É o que se pode constatar em relação à Baía de Guajará, por exemplo, onde acontece o Círio fluvial, que, pensado muito mais como um apelo turístico, tornou-se outra forma de celebração ligada à Festa.

Como evento criado apenas recentemente, na década de 1980, reúne hoje grande quantidade de pessoas, que, por meio de embarcações de todos os tipos e tamanhos, como *jet-skis* a navios de pequeno porte, promovem uma atração à parte, colorindo as águas da Baía de Guajará no

⁹ Exemplo disso é a distribuição de lanches, café da manhã e água mineral durante a Trasladação e o Círio por seguidores da Igreja Assembleia de Deus, localizada no trajeto das romarias, aos fiéis católicos que acompanham as procissões, sendo esta forma de demonstrar respeito e tolerância religiosa.

trajeto desde o Distrito Administrativo de Icoaraci, a aproximadamente 20 km do centro de Belém, até o núcleo central da cidade, quando a imagem da santa é transportada em uma corveta da Marinha.

Trata-se de um evento que, além do turista, inclui romeiros e devotos locais/regionais, assim como manifestações de todas as ordens, sagradas ou não, que individualmente, em famílias ou em grupos parecem conviver sem grandes problemas de conflitualidade. Incluem-se, nesse caso, barcos ornamentados, que acompanham a romaria com músicas sacras, e manifestações mais profanas, ligadas ao lazer e ao entretenimento, em que são permitidas, inclusive, músicas, trajes de banho e outros que não apenas aqueles mais convenientes às práticas religiosas católicas.

Nesse momento, as agências de turismo e os serviços ligados à navegação flúvio-marítima aproveitam para oferecer pacotes especiais para a romaria. Inclui-se nos serviços oferecidos café da manhã, shows com cantores locais, apresentação de danças regionais etc.; isso tudo convivendo com grupos religiosos de paróquias católicas diversas de Belém e de outras localidades que organizam o acompanhamento da romaria em barcos com apelos mais religiosos, como orações, cantos, missas e outras formas de devoção.

A cena pública, neste caso, ganha uma diversidade de manifestações, que inclui o ver e o ser visto, mas onde o anonimato e a devoção têm seu lugar garantido. Nesse caso, inversamente do que vem acontecendo em outras procissões, é a devoção que se apropriou de um evento pensado precipuamente como uma atratividade turística e que acabou por enriquecer a dimensão do espaço público, que se projeta não apenas em ruas, asfalto, calçadas e praças da cidade, mas também nas águas, no rio, que, igualmente, integra a paisagem urbana de Belém.

Nesse caso, o rio ganha a força de um elemento metropolitano diferenciado e de um verdadeiro espaço público, com fortes raízes culturais na história e na tradição de uma sociedade acostumada a conviver com a água. Da mesma maneira, muitas pessoas que acompanham, ou mesmo contemplam a passagem da romaria à beira do rio, associam o aspecto religioso a um passado muitas vezes distante que remonta às suas raízes ribeirinhas, às festas de santo e aos trajetos fluviais das romarias no interior da Amazônia; mesmo que essas raízes possam, agora, ser “empacotadas” para serem atrativos turísticos de uma Festa que, em muito, ainda lhes pertence.

Também, como espaços eventuais do sagrado, incluem-se avenidas e ruas da cidade por onde acontecem as diversas romarias, com destaque para a dos motociclistas que percorrem importantes vias da área central, como a Avenida Presidente Vargas e a Avenida Nazaré até o Colégio Gentil Bittencourt, logo após a realização do Círio fluvial; e a romaria rodoviária, que acontece na sexta-feira anterior ao Círio, e que ganha o espaço público em dimensão metropolitana. Nessa última romaria, avenidas importantes da cidade são percorridas; além da Avenida Nazaré e Magalhães

Barata, mais centrais, alcança também a Avenida Almirante Barroso e depois a Rodovia BR-316 até os Municípios de Ananindeua e Marituba, integrantes da Grande Belém.

No dia seguinte, em outro cortejo, a imagem da santa segue a mesma rodovia, alcançando a Avenida Augusto Montenegro até o Distrito de Icoaraci, de volta ao Município de Belém, de onde sai a imagem na procissão fluvial. Assim, para além de Belém, os espaços públicos de outros municípios metropolitanos são igualmente apropriados pela Festa.

Também podem ser consideradas como espaços públicos que abrigam a celebração as praças onde os artesãos do Município de Abaetetuba, vizinho a Belém, expõem para venda os famosos brinquedos de miriti. Surgida espontaneamente nas praças do Carmo e da Sé, na área central de Belém, em cujas proximidades os artesãos chegavam do interior por meio de barcos, a feira foi aos poucos ganhando planejamento, programação e projeção, incluindo-se patrocínio do poder público estadual em parceria com a associação dos artesãos e organizações privadas.

Nesse novo formato, a feira passou a ter estandes modernos e climatizados, inclusão na programação oficial e foi realocada para outros espaços públicos, como a Praça Waldemar Henrique ou na D. Pedro II, ambas no centro histórico da cidade. Em 2014, passou a integrar também a programação da feira a Missa das Girândolas, na Catedral da Sé; missa essa cuja denominação faz referência aos artesãos e ao utensílio que os ambulantes utilizam para pendurar os brinquedos por ocasião da venda destes nas ruas de Belém no “tempo da festa” (ALVES, 2005).

Outro espaço público apropriado momentaneamente é a Praça da República, na área central da cidade. Nessa Praça, no seu calçadão voltado para a Avenida Presidente Vargas, onde a Trasladação e a grande procissão passam no sábado à noite e na manhã do segundo domingo de outubro, respectivamente, são instaladas arquibancadas, dispostas embaixo do famoso e ameno túnel de mangueiras. Para acessá-las, são vendidos ingressos para quem deseja contemplar o Círio com uma boa visão da romaria sem ter necessariamente que acompanhar ou se envolver com a massa de gente que forma a procissão.

Nessas arquibancadas, afora a presença de grupos de corais que prestam homenagem à santa por meio de canções relacionadas ao festejo, é perceptível a concentração de turistas, sempre dispostos a pagar por um ingresso, com preços pouco convidativos à maior parte dos romeiros, para ver a “passagem” do Círio com certa comodidade e com visão mais panorâmica dele.

No mesmo espaço público, nas imediações dos seculares Teatro da Paz e do famoso e boêmio Bar do Parque, heranças do período da borracha em Belém, é que acontece a mais profana das manifestações, a Festa da Chiquita. Conforme já mencionamos, organizada por grupos LGBT, a festa surgiu na década de 1970 (SILVA FILHO, 2012) e acontece sempre na noite do sábado anterior

ao Círio, após a Trasladação, estendendo-se até o nascer do dia seguinte, quando se inicia a grande romaria no domingo pela manhã.

Ainda que a organização seja feita por um grupo específico, destaca-se pela diversidade do público que dela participa, assim como pelas atrações, concursos e premiações diversas. Trata-se de uma festa que se apropria plenamente do espaço público, conferindo-lhe vida e animação, incluindo, nesse caso, a relevante presença de camelôs e ambulantes, que vendem bebidas e comidas variadas, além de outros objetos relacionados ou não ao Círio. Outro destaque presente nessa festa é a visibilidade que é conferida a ritmos locais e regionais, como o carimbó, que, desde o início, conferiu certa identidade ao evento, mas que, com o passar do tempo e o formato menos espontâneo que o mesmo adquiriu¹⁰, tem dividido atenção nesse espaço público com outros ritmos considerados mais universais e de massa.

De todas as manifestações profanas do Círio, esta é a que mais sugere conflitos (PANTOJA, 2006), menos por ganhar efetivamente o espaço público e mais por seu conteúdo, que se confronta com os valores da Igreja Católica, e por acontecer no trajeto e no intervalo de tempo das duas principais procissões que integram a Festa. Essa “incompatibilidade” tem sido expressa de forma recorrente, a ponto de, no ano de 2014, ter-se cogitado sua transferência para outro ponto da cidade, fora do circuito diretamente apropriado pelas manifestações religiosas; sugestão essa que não foi aceita pela organização e participantes do evento.

De qualquer forma, a sua inserção como parte dos acontecimentos relacionados ao Círio tornam-na tão integrante da Festa quanto as demais manifestações de natureza sagrada, sobretudo por conta de sua profunda identidade com o espaço público da Praça da República, local considerado, no contexto urbano, como uma referência material para a diversidade de indivíduos que dela participa.

Dois outros importantes acontecimentos, também de natureza profana, ganham notoriedade nos espaços públicos dos bairros da Cidade Velha e Campina: o Auto do Círio e o Arrastão do Boi Pavulagem. O primeiro desses eventos, organizado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, ocorre desde a década de 1990 e representa a homenagem dos artistas, principalmente os do teatro e da música, que, em cortejo, apresentam encenação a céu aberto nas praças públicas, fachadas de prédios de valor patrimonial e nas estreitas artérias do secular bairro da Cidade Velha. Aqui, mais uma vez, a presença de um público diverso ocupa os espaços livres do centro histórico para assistir e interagir com os artistas em uma homenagem lúdica que aborda temas e elementos diversos, direta ou indiretamente associados à festa.

¹⁰ Com sua oficialização pelo poder municipal desde a década de 1990, a festa também passou a integrar o calendário oficial da Prefeitura de Belém relacionada ao Círio.

O mesmo acontece com o Arrastão do Pavulagem, uma instituição cultural que ganha as ruas em forma de cortejo alegre e festivo ao som de música regional, acompanhada da destacada presença de instrumentos de percussão e com indumentária própria – camisas padronizadas, chapéus de palha com fitas coloridas, estandartes etc. Com isso, arrasta um grande público que ocupa as ruas do centro histórico, dançando e cantando toadas de boi e músicas regionais.

Mesmo que a apropriação do espaço público nesses casos seja efêmera e não deixem marcas de permanência na paisagem urbana da cidade ao longo do ano, trata-se de manifestações de grande expressividade e densidade cultural e que, em todos os casos, a apropriação do espaço público ganha legitimidade e contratualidade tácita, a ponto de se promover pelo poder público fechamento de ruas (romarias, Auto do Círio, Arrastão do Pavulagem etc.), fiscalização e apoio logístico nas vias fluviais (Círio fluvial), interdição de calçadas e de praças (Auto do Círio, arquibancadas, Festa da Chiquita), dentre outras providências, a fim de que esses eventos possam acontecer nos limites definidos como sendo espaços públicos.

Em todos esses casos, quer se trate de espaços permanentes, quer se trate de espaços apropriados momentaneamente, os lugares são grafados pela universalidade de acesso, pela participação de um público que define mesclagem e diversidade social e cultural e pela possibilidade de trocas e de encontros, amparados tacitamente em uma relação contratual (GOMES, 2002).

A espacialidade se configura, nesses casos, tendo em vista aqueles elementos, também mencionados por Gomes (2002), que qualificam o espaço como público, a saber: objetos e formas criados ou apropriados pelos sujeitos que fazem a festa, denominações “signaléticas”, elementos topológicos (itinerários, percursos, trajetos, paradas, orientações etc.), assim como vocabulários definidos em diferentes “lugares” e práticas sociais que reafirmam uma dada identidade cristã, mas que também a ultrapassa, alcançando uma relação de pertencimento cultural mais amplo entre os sujeitos diversos e os espaços densamente plurais da cidade e da metrópole.

O olhar estrangeiro: o cotidiano invadido pela festa

Como vimos, o espaço público reclama seu sentido e ganha centralidade no “tempo da festa” (ALVES, 2005). O sagrado e o profano se distinguem sem se separarem, constituindo uma dialética no cotidiano paraense. A homenagem à santa guarda um sentido profundamente religioso, ao mesmo tempo em que festivo; individual, marcado pela fé; e coletivo, revigorado pela Festa, em que há uma comunhão entre as pessoas que se ajudam mutuamente nas procissões e se divertem nos (re)encontros.

Em uma primeira aproximação, temos a impressão de que tudo se reúne nas festividades do Círio por meio de várias manifestações. Essa primeira impressão resulta do volume de pessoas, cujos corpos escondem o traçado das ruas, onde as calçadas desaparecem, apenas demarcados pelas áreas construídas dos edifícios. Ruas, avenidas e praças marcam o trajeto delimitado pela fé. A imagem da santa achada num lugar periférico da cidade do século XVIII qualifica um ponto no espaço. Esse poder simbólico projetado na cidade constitui a centralidade do século XXI, no tempo suspenso do cotidiano que é aquele da Festa.

Como centralidade momentânea, ele é o ponto de reunião e de onde se realiza o "traslado" no sábado, momento em que a santa é levada, em procissão, até o centro histórico da cidade onde se localiza a Igreja da Sé. No domingo, depois da missa realizada na praça em frente a essa igreja, inicia-se propriamente o que se denomina Círio, a enorme procissão de retorno da imagem da Santa até à zona do santuário – ficando por alguns dias exposta no CAN protegida por sua "guarda especial" e aberta à visitação pública.

O que se vê, por exemplo, durante todo o trajeto das duas romarias principais é o sacrifício dos fiéis pagando por uma graça recebida que se mimetizam nos votos (pequenas casas de madeira, tijolos, pedaços do corpo humano talhados em cera, livros etc.); objetos estes carregados durante todo o percurso. Chama atenção a presença de fiéis de joelhos fazendo o percurso da procissão, sempre ajudados por familiares, que, com imenso sacrifício estampados nos corpos e rostos, vão mostrando o modo como a fé "move as pessoas". A devoção e a emoção – como experiência do sagrado – vão dominando a procissão enquanto a alegria vai se imiscuindo nos momentos da Festa. Ela é a mediação entre o homem e o divino, um meio de comunicação das pessoas com poderes superiores ao humano; momento em que o homem abdica de seu poder transferindo-o à divindade.

O evento é, assim, parte da vida cotidiana da sociedade paraense incluída no movimento geral do tempo-espaço do trabalho e do não trabalho, do uso e da troca, da vida privada e coletiva e de outras dimensões da vida metropolitana. Realiza-se num movimento do tempo cíclico reproduzindo-se a cada ano.

Reinventada a partir da centralidade da procissão em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, sob a rígida organização da Igreja local, detentora do monopólio da Festa, do santuário e até da Praça Santuário, chama atenção o lugar que essa manifestação cultural ocupa na Belém de hoje, diante da dessacralização do período "pós-moderno" em que vivemos.

O ato da Festa é de celebração no espaço-tempo da cidade, do corpo e da alma, numa alteridade presente na urbanidade que aflora, neste momento, de maneira diferenciada. Como uma forma de reencontro de cada um consigo mesmo e com o outro, é uma atividade que supera o plano da

individualidade pela mediação da fé e da religiosidade. Trata-se, em outros termos, de uma reunião que se estabelece no plano da prática cultural, mediante uma ordem simbólica, mas que também se traduz nas relações materiais, por exemplo, no modo como a diretoria da Festa determina regras e normas de conduta, organizando as relações sociais; assim como pela maneira como se transmite às outras gerações essas mesmas condutas e costumes, preservando-se o significado dela e o seu ordenamento, simultaneamente.

Por meio de relações espaço-temporais precisas – que não encobrem as formas diferenciadas da apropriação do espaço-tempo da Festa –, as principais procissões mostram, por exemplo, uma diferenciação de classes sociais. No sábado, a classe média, com predominância de jovens, toma as ruas da cidade; enquanto, no domingo, há uma maior presença de romeiros e de pessoas de classes mais baixas que estão no asfalto, distantes dos que assistem, nos camarotes e arquibancadas instalados ao longo do percurso, a passagem da berlinda. Observação semelhante, ainda que em outros termos, já fora feita por Moreira anteriormente, quando mostra a presença do devoto nas procissões, segundo a origem rural ou urbana:

olhado sob êste (sic) aspecto, o Círio é um reflexo da presença do interior no ambiente urbano, convindo salientar que sem essa presença êle (sic) não seria o que é, a começar porque o devoto interiorano é mais compenetrado e representativo. A Trasladação e o Recírio são belemenses (sic), mas o Círio é paraense (MOREIRA, 1989, p. 7).

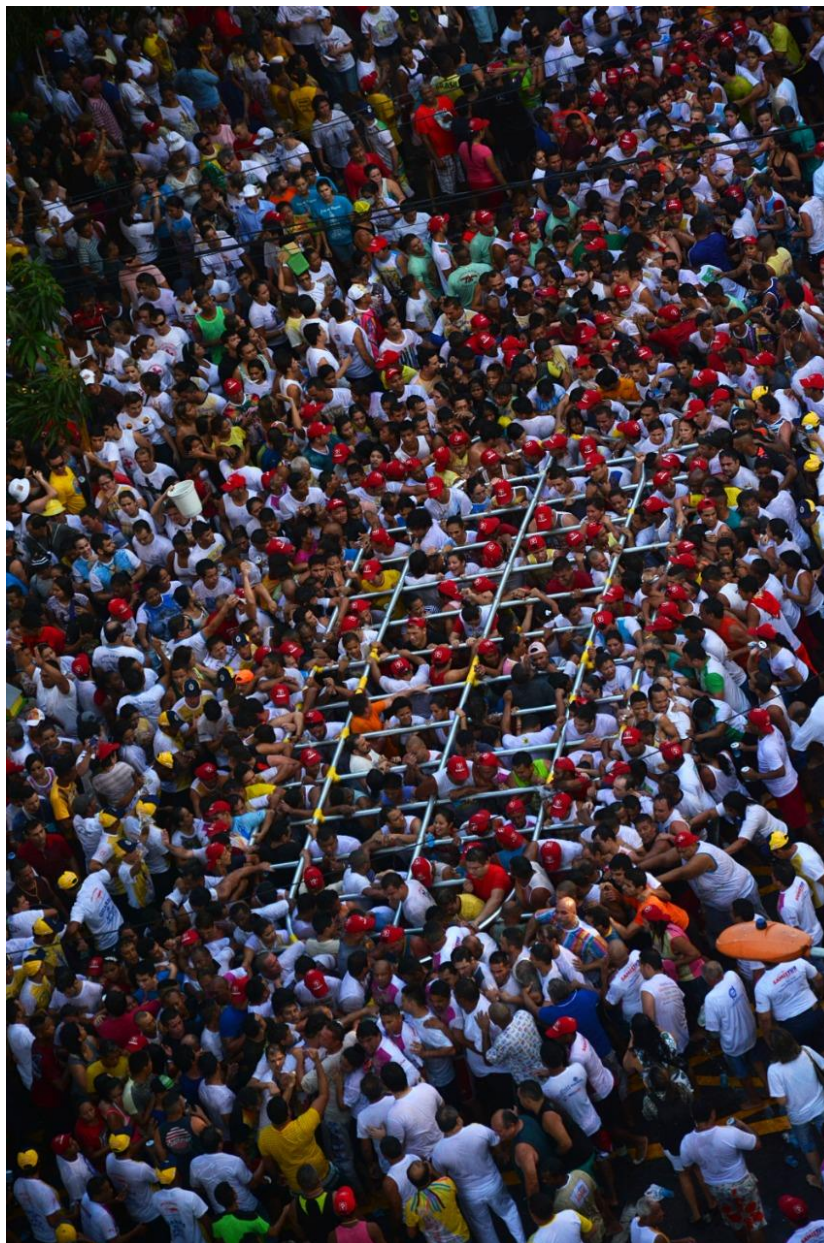
O cotidiano, fragmentado, parece esquecido, ao mesmo tempo em que se mantém, demarcando o lugar das pessoas nas festividades, pois em todos os lugares as normas vigoram no espaço. Neste, a localização de cada um em relação à imagem da santa é fruto da hierarquia definida pela forma de organização do Círio. No tempo, as procissões são cronometradas, a tropa de limpeza das ruas segue o final das procissões, e os eventos são distribuídos por semanas de forma bem delimitada. Uma ordem é estabelecida por um sistema de interdições e obrigações seguindo a lógica do evento sob as diretrizes da diretoria da Festa. Mesmo assim, pessoas de todas as idades e classes sociais invadem o espaço público, tomando-o de assalto e dominando-o por algumas horas.

A Festa, todavia, tem uma dimensão espaço-temporal bem delimitada tanto pelo trajeto na cidade quanto pela organização do tempo de cada atividade que a compõe: confraternizações, romarias etc., precedidas por novenas e muitas missas, sendo uma festividade que ocupa muitos dias e durante uma boa parte do ano. Como falamos, inicia-se antes de outubro e se estende além deste, como a querer se emendar aos festejos natalinos. Logo, o que seria o residual na vida do cidadão e da cidade, a festa guarda uma dimensão temporal outra, o tempo longo de sua preparação, de seu desdobramento e de sua ordem.

A procissão principal parece seguir uma estrutura em "alas" que organiza o espaço do cortejo, à semelhança do que se vê em agremiações de carnaval; daí, talvez, falar-se do Círio também como "carnaval devoto" (ALVES, 1980). Horas antes de começar já estão a postos nas ruas do trajeto inicial da procissão, que sai da Igreja da Sé, as pessoas, os carros e os ornamentos que dão estrutura organizativa à romaria.

Na frente da procissão, estudantes com as bandeiras dos nomes dos municípios do Estado do Pará, seguidos pelo carro alegórico de Plácido (o ribeirinho que achou a imagem da Santa), depois uma sucessão de carros com crianças vestidas de anjo ou com objetos de promessas. Só então vem a corda (Figura 4), puxada por um conjunto de pessoas. Carregada por homens em sua maioria, caminham colados uns aos outros, rostos contorcidos pelo sacrifício, na tentativa de realizar a façanha de manterem sua mão presa à corda durante todo o tempo do longo e exaustivo trajeto. Enquanto caminham, promesseiros jogam sobre eles copos de água mineral por todo o percurso devido ao calor insuportável, que os debilita ainda mais, aumentando o sofrimento.

Figura 4: A Corda do Círio



Fonte: Simone Simonetti (2015)

Depois da corda, que mede em média 900 metros, seguem padres vestidos de branco antecedendo a imagem da santa, transportada dentro da berlinda enfeitada de flores naturais, cercada pela sua guarda particular e protegida pelo exército que constrói um cordão de isolamento. Atrás desse cortejo, é a vez dos fiéis que se amontoam, literalmente, a ponto de não se ver o chão do alto dos prédios. Caminham cantando, rezando num ato de contrição ou, simplesmente, num gesto respeitoso.

Um "mestre de cerimônias" entoia ordens a partir dos autofalantes presos nos postes, por todo o trajeto de aproximados quatro quilômetros, orientando os fiéis, estruturando a comitiva com músicas

selecionadas para a ocasião, ovações e propagandas de produtos, colaboradores e patrocinadores do evento. No próprio site oficial do Círio é possível encontrar, em suas primeiras páginas, a frase: “associe sua marca à festa da rainha da Amazônia” (CÍRIO DE NAZARÉ, 2019, n. p.)

O cortejo na ida, no dia da Trasladação, e na vinda, no dia do Círio, faz paradas estratégicas, nos camarotes montados na porta do Banco do Brasil, do Banco do Estado do Pará, do Banco da Amazônia, nas arquibancadas, em frente aos hotéis de bandeira internacional, em frente da Associação Comercial do Pará, e no renovado espaço *waterfront* de lazer denominado de Estação das Docas, transformado em cartão postal, onde se instalam as chamadas autoridades locais.

Em muitos desses lugares de parada da procissão, é comum a presença de um coral ou de cantores que entoam cânticos, músicas sacras e o hino de Nossa Senhora de Nazaré, envoltos em papel picado que caem das janelas dos arranha-céus. Um espetáculo esperado acontece no “camarote artístico” comandado pela cantora paraense Fafá de Belém e seus convidados, que é contratada para cantar e saudar a santa que passa enquanto as emissoras de TV, estrategicamente posicionadas, seguem o cortejo intercalado por inúmeras reportagens. Nos palanques, os patrocínios ficam mais evidentes pela exposição das marcas de produtos e de nomes das famílias e instituições que promovem o grande evento.

Não se dispensa, na organização, as novas tecnologias. Assim, pode-se seguir o percurso da imagem da santa, transportada na berlinda, em tempo real pelo telefone celular, por meio do aplicativo oficial do Círio para Android. Aqui o poder de classe ganha expressão espacial e visibilidade na Festa. É o momento também de lucrar com a fé.

A dimensão do sagrado, todavia, é invadida pela do profano. A Festa da Chiquita, por exemplo, é paradigmática; ela restitui Dionísio. Um palco é erguido onde um show ocorre noite adentro com o revezamento de artistas. Ao redor, um movimentado mercado de comidas, bebidas, além de artesanatos e produtos diversos, compõe a festa profana alimentando os foliões. Aqui, decididamente, não se entoa o hino da santa, mas músicas de ritmos diversos, como os hits de boates e o diferenciado carimbó.

Por seu conteúdo politizado e debochado, celebrando a diversidade sexual, a Chiquita desafia o monopólio de organização da Igreja, tornando-se tão famosa quanto as procissões e dialetizando o papel do sagrado na grande Festa. Conforme já mencionado, inicia-se no momento em que a berlinda deixa uma das laterais da Praça da República e termina de manhã quando o Círio assume o espaço e o tempo nas comemorações.

Durante os quinze dias, ao lado da Praça Santuário, um arremedo do antigo arraial é colocado em funcionamento no espaço que serve a maior parte do ano como estacionamento terceirizado pela

Igreja a uma empresa do ramo. No momento da Festa, transforma-se completamente sua função e seu conteúdo socioespacial. O arraial de Nazaré, que já funcionou na praça hoje transformada em CAN, configura-se como um mercado de produtos diversos em que se misturam mercadorias em homenagem à santa e à Festa, produtos artesanais, acessórios "*made in china*", comidas e bebidas diversas, inclusive as típicas, e um parque de diversão para as crianças e adolescentes.

No núcleo histórico da cidade, em espaços como a Praça Waldemar Henrique ou outro em suas mediações, monta-se a colorida e tradicional Feira do Miriti, o comércio de brinquedos que apresenta o trabalho artesanal de famílias inteiras, produzidos no interior do estado e transportados para Belém especialmente nesse período do evento. Fora da feira, esses brinquedos circulam pelas ruas pendurados nas belas girândolas que dão um colorido especial à cidade durante a Festa, mas especialmente no segundo domingo de outubro, quando acontece a grande romaria.

O evento movimenta, portanto, um comércio tanto formal quanto informal. As barracas e os ambulantes vendem um pouco de tudo: imagens da santa, CDs de música, fotos de santos, comidas e bebidas – principalmente água, pois o calor é escaldante –, mas também sorvetes e comidas. Há aqui uma certa permanência, pois, desde a antiguidade, o comércio é um ponto importante nas reuniões religiosas ou sagradas e também marcam presença importante em outras festas religiosas pelo interior do Brasil, como aquela de Catalão - GO – a Congada –, realizada na mesma data e movimentando grande quantidade de mascates que andam de uma festa a outra com suas mercadorias "*made in china*" (antes compradas no Paraguai) e que mobilizam os moradores.

Reunião e diferenciação, unidade e fragmentação, a Festa acha-se, também, invadida pela lógica da mercadoria e do mercado turístico. Aqui e ali se percebe que o mundo da mercadoria parece dominar parte significativa do "evento" cuja grandiosidade só o mundo urbano pode criar. Mal disfarçada, encontra-se, em todos os lugares, seja pela existência concreta dos mercados, mas também nas roupas de romaria, na venda de produtos típicos, nos "kits romarias" etc.

Assim é que a Festa, como mercadoria, é vendida em ampla escala fora do território de Belém pelo órgão oficial de turismo do estado do Pará, sendo essa uma estratégia de atração turística em consonância com o Plano Estratégico de Turismo do Estado, denominado Ver-o-Pará (PARÁ, 2011). Promove-se e divulga-se, assim, o produto turístico paraense no mercado nacional e internacional.

Em Belém, às mercadorias tradicionais, somam-se os pacotes turísticos, haja vista que a Festa atrai um amplo movimento de pessoas que acompanham o aumento da ocupação e do preço das diárias nos hotéis na cidade. Desse modo, vende-se de tudo no mercado, da cidade como mercadoria à arte popular, e especificamente o Círio de Nazaré como promoção do chamado "turismo religioso", segundo o qual tudo passa a ter um preço e para o qual a mídia tem um papel preponderante.

A estratégia é criar possibilidades de mercado para as quais as feiras e exposições em todo o país aparecem como as novas vitrines desse novo produto. A imagem peregrina da santa visita vários lugares, projetando a Festa tanto no território nacional – São Paulo (Expocatólica, em 2012), Gramado (Festival de Turismo, em 2011), Rio de Janeiro (Feira das Américas, em 2011 e Expocatólica, em 2013) – quanto no exterior, como é o caso de sua exposição em Portugal.

Mas, ao mesmo tempo, chama especial atenção nesse evento católico o número dos voluntários – alguns não católicos – que trabalham na organização e apoio ao evento, inclusive portando macas para socorrer os fiéis – o que parece ser em grande número – que desmaiam com o intenso calor e esforço físico requerido para seguir as procissões.

O voluntariado, a ação de ajudar ao outro, o cuidado dispensado aos peregrinos, são momentos em que as diferenças de classe parecem irrisórias e a intolerância dá uma trégua. A reunião de diferentes parece preponderar nesses dias. Um clima de identidade e comunhão entre aqueles que participam paira sobre a cidade. Para o estrangeiro, esse momento de celebração guarda muita semelhança com os festejos natalinos.

Em primeiro lugar, chama atenção a decoração da cidade. A berlinda da santa é reproduzida nas portas das casas comerciais locais, das que oferecem serviços (postos de gasolina, bancos, hotéis e escolas), na fachada dos prédios residenciais etc., em toda a Região Metropolitana de Belém. Muitas praças e ruas apresentam decoração especial semelhantes aos motivos natalinos, iluminadas à noite, celebrando o período de festejo.

Essa primeira impressão é corroborada pelo cumprimento de "feliz círio" entre as pessoas, da mesma forma como é praxe acontecer nas felicitações natalinas; mas também pela reunião das famílias no almoço depois do Círio, no domingo, quando se tem a elaboração de cardápios com comidas típicas e a presença de familiares que, às vezes, morando distantes, voltam para as casas de parentes para comemorar com a família o célebre acontecimento; assim como pelo cuidado com as casas (reformas, limpeza especial etc.) para a reunião familiar.

Em função da preparação das comidas típicas, o cheiro de maniçoba e do pato no tucupi tomam conta da cidade na época dos festejos, enquanto a composição e quantidade dos produtos, vendidos no Ver-o-Peso e nas demais feiras livres da cidade, transforma-se no período.

A vida cotidiana parece girar em torno da preparação da Festa, muito semelhante, como já dito, ao período natalino; ainda que, nesse caso, não se troquem presentes, como no Natal. Aqueles apenas são vistos em situações bem específicas, como acontece na chegada de um parente do interior que presenteia o anfitrião, por exemplo, com um pato ou um ingrediente culinário para serem saboreados

durante o almoço do Círio, ou, ainda, com um brinquedo de miriti que as crianças recebem de seus pais ou de alguém próximo.

Essa prática, ainda que comum, não se torna um ritual obrigatório, como acontece em relação aos presentes natalinos, que passaram a ser, na sociedade moderna de consumo, algo como que uma obrigação do evento. Por essa razão, mesmo que essa Festa religiosa no mês de outubro em Belém esteja hoje marcada por várias práticas de consumo, elas não chegam a definir completamente o sentido final do evento, que abre espaços para outras possibilidades da vida cotidiana.

Considerações finais

A religião, no contexto apresentado, ainda dá sentido à vida cotidiana como elemento estável no repetitivo. Espaço e tempo, sacralizados pela religião, guardam sinais de permanência de uma tradição inscrita na cultura, mantendo-se revividas mesmo diante da implosão dos referenciais que se realizam no processo de reprodução do urbano.

Nesse plano, o tempo da festa é definido, assim, pelo ciclo das estações do ano (todo segundo domingo de outubro) revividos anualmente; logo, não é do extraordinário que se trata, mas da repetição do ciclo do tempo da vida no cotidiano urbano, dando continuidade à vida cotidiana apesar de, contraditoriamente, a diretoria da Festa repor a ordem do cotidiano rigidamente normatizada pela Igreja.

Renova-se, por outro lado, como evento vendável no mercado, posto que muitas das novas atividades são institucionalizadas, compondo a programação oficial da Festa, sempre acrescida de novas atividades: o Círio Fluvial, a partir de 1986; a Romaria Rodoviária, a partir de 1989; a Moto Romaria, a partir de 1990; o Auto do Círio; a partir de 1993; o Círio Musical, a partir de 2003; a Ciclo Romaria, a partir de 2004 etc. Soma-se a isso, o patrocínio de empresas, como a Vale, o Bradesco, a Andrade Gutierrez, a Unimed, a Oi, dentre outras que patrocinam várias atividades do Círio.

Como um bom negócio, a Festa movimenta um volume considerável e crescente de dinheiro em reais, de 20 milhões em 2005 para estimados 62 milhões em 2014 (REVISTA AMAZÔNIA VIVA, 2014). Segundo o DIEESE (*apud* CÍRIO DE NAZARÉ, 2014), a título de exemplo, para aquele ano de 2014, o custo do Círio somou R\$ 2,8 milhões aproximadamente, movimentando cerca de R\$ 900 milhões na economia paraense.

Trata-se, outrossim, de um negócio que constrói suas próprias estratégias. No mês do Círio, os passageiros são recebidos, por exemplo, na sala de desembarque do aeroporto por uma réplica da berlinda cheia de flores e fitinhas ornamentais, além da presença de grupos de carimbó que se revezam por vários dias. Outra estratégia corresponde ao evento do órgão de turismo do governo do

estado do Pará, que promove concurso por meio do qual é avaliada a ornamentação dos barcos durante a romaria fluvial. No percurso de outras romarias, há também os palanques armados e ornamentados ao longo das ruas (tanto sábado como no domingo), com preços diferenciados, para que turistas possam contemplar o evento.

A Festa transborda, assim, o evento religioso, ampliando-se e envolvendo um conjunto de outras atividades: corridas de atletismo, caminhadas, festas diversas na periferia, eventos culturais, peças de teatro, festivais, shows, eventos de culinária, competições diversas, incluindo-se até os alunos dos colégios que concorrem à melhor redação em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

Ano a ano a Festa vai se ampliando, renovando-se nessas semanas. Por isso mesmo, toda a cidade parece ganhar outra vida, redefinida pelos acontecimentos que fazem parte do cotidiano de devoção do povo do Pará como elemento de sua identidade, ao mesmo tempo em que se transforma numa atividade produtiva e de consumo.

No plano do cotidiano, a fé na santa e a recriação automática da tradição das festas do Círio de Belém criam uma possibilidade há tempos renovada de criação/reunião de toda uma comunidade pela mediação da existência desse ritual, que parece constituir-se um coletivo. Contraditoriamente, nas idas e vindas pela cidade, a imagem da santa com seu manto majestoso e cheio de significados metamorfoseia-se em sujeito. É assim que se esboça a força e a superioridade do poder que a religião exerce sobre a sociedade, tornando suportável a vida cotidiana, em que as causas e soluções das carências e da pobreza se representam fora da vida real como merecimento ou como castigo.

No plano da religião, busca-se uma explicação para a origem dos males do mundo e de uma possibilidade de superá-los, projetando-se, portanto, fora do sujeito e da sociedade real – da práxis –, em um ser dotado de qualidades sagradas, o poder para mudar a vida. Os indivíduos, nesse horizonte, não se reconhecem no outro de suas relações, na medida em que as ações travadas no interior das trocas sociais da vida cotidiana se destituem de conteúdo diante do ser onipresente que domina as ações. Alienando-se do mundo real e das relações sociais que produzem concretamente a comunidade, o poder da mudança está projetado na imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

A capacidade de união dos membros da sociedade em torno de um destino humano comum substituiu-se pela fé no sagrado, mais potente que os poderes humanos. Nossa Senhora de Nazaré, a partir de sua noção de justiça e cheia de bondade, mostra-se superior ao humano, um ser supremo com acesso direto ao Deus dos católicos, que é onipotente. Diante dela, os humanos podem pouco, são seres imperfeitos e pecadores.

Desse modo, a aposta de que a santa pode mudar suas vidas, fazê-los superar as adversidades, permite a transferência da ação transformadora do mundo e da realidade vivida para o

plano do sagrado. Destituído de seu sentido social, desloca-se a ação do mundo do trabalho, da vida em sociedade (assentada em relações de classe na cidade que permite e explicita a sujeição dos sujeitos) constituída por uma história vivida real, portanto, localizada no mundo da práxis, pela experiência/existência do sagrado. Sujeitados e não sujeitos, a resolução do drama muda de mãos, transferindo-se da sociedade para o plano da divindade, da terra para o céu. Todavia, a fé que move montanhas não tem potencialidade para mudar o cotidiano numa outra direção que não aquele do restabelecimento da privação, produto do desenvolvimento da sociedade capitalista na terra. Nessa perspectiva, a reunião de milhões de pessoas no espaço público não realiza plenamente a esfera pública, mas até mesmo a sua destituição, posto que o poder lhe foge na contemplação e submissão à presença da imagem da santa, "virgem mãe amorosa, fonte de amor e de fé", conforme os versos do hino à santa.

No plano das estratégias turísticas, a imagem da Virgem também se metamorfoseia em sujeito, aparecendo como se fosse a própria divindade encarnada. É ela quem peregrina por lugares próximos ou distantes, é ela quem visita este ou aquele endereço, acompanhada por um séquito de pessoas.

No século XXI, o Círio ganha em seu movimento de reprodução cíclica um novo sentido que pode ser vislumbrado na emblemática ideia de que a grandiosa Festa religiosa se converte em valioso produto turístico. Mas, no plano do cotidiano, ele guarda o poder de restituir o tempo cíclico e residualmente a identidade cultural que não se deixa cooptar integralmente.

A memória se vivifica nela. Portanto, seria muito restrito defini-la simples e taxativamente como "ópio do povo" (MARX, 2010). Há formas de apropriação da Festa que geram protestos e que comunicam denúncias e que, por meio de interseções à santa, clamam por justiça social e pedem condenações, não no plano espiritual, apenas, mas primeiramente no plano material, no das relações sociais, que exigem mudanças nesse mesmo plano por meio dos sujeitos sociais e históricos. Isso acontece especialmente nos grupos progressistas da Igreja Católica, como aqueles apoiados na Teologia da Libertação, mais forte no passado, e que demandavam nas procissões justiça social no campo em face dos conflitos agrários e de presos em razão da luta pela posse da terra; mas que se fazem presentes ainda hoje, quando se vê cartazes e manifestações que ousam denunciar, em meio às romarias e eventos do Círio, os impactos causados pelos grandes projetos, como os do complexo hidrelétrico de Belo Monte, no Rio Xingu.

Para além disso, e contraditoriamente, a Festa do Círio pode ser pensada, ainda, como momento de suspensão do cotidiano, dialetizando o mundo da mimésis, ao mesmo tempo em que realiza o cotidiano na contradição entre tempo linear e tempo cíclico. entre metamorfose e permanência. Resiste, persiste e, assim, sobrevive, como uma possibilidade diferenciada de

apropriação da cidade. E, nessa dialética, revela-se o duplo conteúdo do conceito de cotidiano: como produto da história, é uma dimensão necessária do processo que mantém a lógica de reprodução social capitalista, mas, por outro lado, é, simultaneamente, aquilo que nega essa mesma lógica de reprodução.

Referências

- ALVES, I. *O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis, Vozes, 1980.
- ALVES, I. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, n. 54, p. 315-332, mai./ago. 2005.
- ALVES, R. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global*. 2002. 212 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal do Pará, Belém; Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- AZEVEDO, J. da S. *Círio de Nazaré: a festa da fé como comunhão solidária. Uma análise Teológica a partir da concepção de fé de Juan Luis Segundo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuítica, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Belo Horizonte, 2008.
- CÍRIO DE NAZARÉ. Belém, 2014. Disponível em: <https://ciriodenazare.com.br/site/>. Acesso 30 out. 2014.
- CÍRIO DE NAZARÉ. Belém, 2019. Disponível em: <https://ciriodenazare.com.br/site/>. Acesso 10 jul. 2019.
- COELHO, G. M. *Uma crônica do maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto à Virgem de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- COSTA, F. de A. et al. *O Círio de Nazaré: economia e fé*. Belém: NAEA/UFGA, s/d. 108 p. (Relatório Final). Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/cirio.pdf>. Acesso: 09 dez. 2012.
- FIGUEIREDO, S. J. L. (Org.). *Círio de Nazaré: festa e paixão*. Belém: Edufpa, 2005.
- GOMES, P. C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan, I).
- LEFÈBVRE, H. *La producción de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- LEFÈBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MATOS, L. da S. *Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré*. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MAUÉS, R. H. *O homem que achou a santa: Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré*. Belém: Ed. Basílica Santuário de Nazaré, 2009.
- MOREIRA, E. Visão geo-social do Círio. In: MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: Cejup, 1989. v. IV.
- PANTOJA, V. M. L. *A praça pública e a festa sagrada: manifestações culturais e territorialidades móveis no Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará*. 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- PANTOJA, V. M. L. *Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

- PARÁ. Governo do Estado. *Plano Ver-o-Pará de turismo*. Belém: Chias Marketing/ Setur, 2011.
- REVISTA AMAZÔNIA VIVA. Encarte do Jornal O Liberal, n. 38, ano 4, out. 2014, p. 23.
- ROCQUE, C. *História do Círio e da festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981.
- SERRA, D. R. de O. Turismo religioso, território e territorialidades: o Círio de Nazaré em Belém-PA. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 104-124, 2013.
- SERRA, D. R. de O. *A turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o círio de Nazaré em Belém-Pa*. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- SERRA, D. R. de O. *A territorialidade na representação do espaço: estratégias de controle na turistificação e patrimonialização do Círio de Nazaré em Belém-Pa*. Relatório de qualificação de Doutorado. 2019. 143f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- SERRA, D. R. de O.; TAVARES, M. G. da C.. Círio de Nazaré em Belém-PA: dimensão ribeirinha, expansão territorial e importância para o turismo na Amazônia. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 173-197, 2015.
- SETUR. Secretaria de Estado de Turismo do Pará. *Pará deve receber mais de 80 mil turistas durante o Círio de Nazaré*. Belém: SETUR, 2015. Disponível em: <http://www.setur.pa.gov.br/noticia/para-deve-receber-mais-de-80-mil-turistas-durante-o-cirio-de-nazare#main-content>. Acesso 18 jul. 2019.
- SILVA FILHO, M. R. A filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 36., 2012, Águas de Lindóia, SP. *Anais [...]*. Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012. p. 1-22.